

POR UMA FORMAÇÃO EM FUTEBOL MENOR: CARTOGRAFIAS DA FORMAÇÃO CLUBÍSTICA DAS CATEGORIAS DE BASE DO FUTEBOL BRASILEIRO

Eduarda Moro¹

Alexandre F. Vaz²

Ireno Antônio Berticelli³

Resumo:

Este estudo teve como objetivo compreender aspectos da formação de jogadores de categorias de base nos clubes de futebol brasileiros, certificados pela CBF como clube formador. Utilizando-se do método cartográfico, foram realizados acompanhamentos de treinos e jogos e entrevistas semi-estruturadas com jogadores das categorias sub-15, sub-17, sub-20, e, ainda, com profissionais e treinadores da base. Constatou-se que a formação clubística tende a silenciar as multiplicidades que compõem as subjetividades dos sujeitos em formação. Resulta tudo isso em um padrão subjetivo do ser-jogador que é serializado que cristaliza discursos, modos de ser e pensar de acordo com o que o clube deseja, produzindo então corpos dóceis que muito se movimentam enquanto corpo físico e pouco produzem enquanto movimento cognitivo/subjetivo. Com o intuito de apontar pistas de uma formação potente que rompa com o modo hegemônico de experienciar a formação esportiva nas categorias de base, é que este artigo foi produzido, tensionando práticas atuais e propondo uma formação em futebol menor.

Palavras-chave: Futebol. Clubes esportivos. Esporte para jovens. Psicologia do esporte.

For Education in Minor Soccer: Cartographies of the Club Education in a Youth Academy at Brazilian Soccer

Abstract:

This study aimed to understand the education of sportsmen in a youth academy at a Brazilian soccer club, certified by the CBF as a training club. Through a cartographic method, training and games follow-ups and semi-structured interviews with sub-15, sub-17, and sub-20 players were carried out, as well as with professionals and coaches. It seems that the club education tends to silence the

¹ Doutoranda e bolsista capes no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – UFSC. Mestra em educação e psicóloga – Unochapecó.

² Doutor pela Leibniz Universität Hannover, Alemanha; Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina, onde atua no Departamento de Estudos Especializados em Educação e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH, e o coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e sociedade Contemporânea. Pesquisador 1C CNPq.

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: epistemologia da educação, educação e pós-modernidade; educação infantil, currículo, filosofia da educação e educação ambiental.

multiplicities that make up the subjectivities of the subjects. It results in a subjective pattern of being-player, which is serialized that crystallizes discourses, ways of being and thinking according to what the club proposes, producing docile bodies that move much as a physical organism, but produce short cognitive/subjective movements. With the aim of pointing out clues to a powerful education that breaks with the hegemonic way of experiencing sports training, is that this article was produced, trying to propose a minor soccer education .

Keywords: Football. Sports club. Sport for young people. Sport psychology.

O futebol e suas linhas

Pesquisar futebol envolve, sobretudo, conhecer e assimilar suas linhas⁴.

São muitas e, certamente, mais do que aquelas que demarcam o espetáculo que se vê em campo.

Linhas que compõem narrativas, estéticas do jogo e jogos que não se disputam com bola. Linhas que não começam e não terminam, mas atualizam-se conforme passam os anos, os números 9 e os nomes da vez.

Pesquisar futebol envolve, sobretudo, conhecer e assimilar as linhas que fazem morrer e as que fazem viver (PELBART, 2014, p. 158). E, para isso, é preciso *desenredá-las*. Difícil o trabalho de começar ou de saber por onde fazê-lo, mas seguimos pistas cartográficas de outros que já escreveram sobre o território do ser-jogador, para então *desenredar*.

Atento a esta problemática e a seus efeitos, este artigo é resultado de estudo que buscou cartografar o cotidiano dos jogadores de categoria de base e compreender quais são e como se configuram as ações de um clube de futebol formador voltadas para a educação dos atletas.

Sendo o futebol aqui compreendido a partir de suas linhas socioeconômicas e políticas, o futebol-institucionalizado, recorreremos a um espaço específico para iniciar. Espaço que se apresenta como necessário àqueles que desejam a profissionalização: os centros formadores de atletas.

Sabe-se que do menino que sonha em ser jogador enquanto rola a bola na quadra do bairro para o menino que joga em um clube formador, existem linhas distintas que demarcam o modo como eles se relacionam com o futebol, com seus desejos futebolísticos e com seus corpos. A máquina de produção capitalística, que agencia a possível multiplicidade dos devires particulares a uma linha dura de subjetivação, erigida pelo consumo (GUATTARI, 2001), delineia assim percursos óbvios, capturando práticas, discursos e relações vivenciadas no contexto futebolístico para uma formação desejante identificada com o capital. É aqui que se evidenciam os agenciamentos feitos a partir de linhas que fazem morrer... O futebol contemporâneo não permite que se usufrua do território existencial do *ser jogador* sem que se despotencialize o *menino*.

⁴O termo "linha", aqui empregado e citado no decorrer do texto, refere-se ao conceito pensado por Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs* (1996), que se desdobra ainda no texto "A arte de viver nas linhas", de Peter P. Pelbart (2014).

Para serem consideradas entidades formadoras de atletas, as agremiações devem fornecer, além de treinamento nas categorias de base, inscrição do atleta no sistema regional de desporto, garantir assistência educacional, psicológica e médica, bem como dispor de alojamento, alimentação, segurança; prover de profissionais especializados em formação desportiva; participar de competições oficiais (BRASIL, 2011). Mas mesmo isso não é suficiente para produzir uma formação potente.

Neste percurso, as singularidades de um território existencial próprio ao devir criança (DELEUZE, 1992), que expressam a potência para diferir em meio à multiplicidade de experiências e fazer emergir resistência ao assujeitamento, são capturadas uma a uma, agenciadas aos enunciados e práticas dos clubes formadores e maquinadas à linearidade de um território existencial pré-fabricado e pronto para consumo.

Com o desejo de compor novas linhas no território formativo de jovens-jogadores, apresentamos o conceito de *futebol menor*, como possibilidade de fazer/pensar em um futebol que se relaciona com um devir minoritário, com práticas que se encontram nas bordas e que permitem escapar do instituído.

Cartografando linhas

[...] “entender”, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céus da transcendência –, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem (ROLNIK, 2007, p. 66).

“Escrever é preciso”, escreveu Osório Marques. Além de escrever, *entender* também é preciso. De fato, é. Escrever e entender são atos tão *precisos*. Mas quando ambos ultrapassam o movimento da necessidade, rompem-se velhas formas de se pensar, no papel, na pesquisa, no encontro com o outro. É assim que nos constituímos como pesquisadores, *entendendo* que *o entender*, que até então era *apenas* uma função do pesquisador, passa a ser um modo de se relacionar com o outro. E foi entendendo a magnitude do *estar com o outro* que se optou pelo método cartográfico de pesquisa ao desenvolvermos este estudo.

O método cartográfico de pesquisa baseia-se no estudo e no encontro com afetos, com discursos e práticas que permeiam o

cotidiano do contexto pesquisado. Desenvolvido a partir de teóricos como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik e Michel Foucault, este estudo também utilizou a cartografia como método de análise das informações produzidas no campo: um clube de futebol com título de clube formador pela CBF, e que iremos chamar aqui de Clube⁵.

A pesquisadora principal esteve, literalmente, em campo⁶ durante os meses de novembro e dezembro de 2017, e fevereiro e março de 2018. Nesse período foram realizadas observações de treinamentos e jogos das categorias de base sub-15, sub-17 e sub-20 do Clube. O período observacional foi registrado em diário de campo. Além das idas a campo, o estudo contou com entrevistas semiestruturadas⁷ com dois jogadores da sub-15, cinco da sub-17, dois da sub-20 e um jogador profissional que atuou nas categorias de base do Clube. Foram também realizadas entrevistas com os treinadores de cada uma das categorias observadas, além de com outros profissionais e o coordenador das categorias de base.

Resultados e Discussão

Durante as idas a campo, em um dos jogos de categoria de base, ouviu-se uma conversa sobre um jogador considerado “problema” pelos preparadores físicos. Um dos profissionais sugeria que ele “melhoraria” caso alguém “chegasse junto dele”: “Com meus jogadores eu faço uma lavagem cerebral, tenho que fazer”. Ele estava convicto de que sua “lavagem cerebral” era o adestramento necessário para “humanizar” seus jogadores e atribui o sucesso dos meninos que treina a isso (Diário de campo de 07/12/2017).

Nessa conversa muita coisa ficou implícita, oferecendo caminhos para compreender o modo como o jogador é percebido e significado frente à formação que recebe nos clubes formadores,

⁵Quando referimos-nos a Clube com a primeira letra em maiúsculo, estamos nos referindo a agremiação na qual a pesquisa foi realizada. Optou-se por não mencionar o nome da instituição com o intuito de resguardar a identidade dos participantes da pesquisa.

⁶A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa envolvendo seres humanos, via sistema Plataforma Brasil, através do parecer consubstanciado nº 2.369.711. Todos os participantes concordaram em fornecer informações e relatos através do termo de consentimento livre e esclarecido e termo de uso de voz. Aos jogadores menores de idade foi entregue também termo de consentimento a seus responsáveis.

⁷Com a intenção de preservar a identidade dos entrevistados, os participantes estão identificados do seguinte modo: jogadores da categoria sub-15, indicados pelas iniciais JE e JO. Jogadores da categoria sub-17, indicados pelas iniciais E, M, MS, PH e L. Jogadores do sub-20, identificados como GP e VG. Os treinadores das três categorias de base, identificados como Treinador 1, 2 e 3. E, por fim, psicólogo, coordenador geral do projeto e assistente social, identificados como, Profissional 1, 2 e 3.

Por uma formação em futebol menor

uma formação feita com o intuito de “humanizar”, sempre de acordo com normas e regras instituídas pelo Clube, que enxerga no corpo do menino apenas o *jogador*.

Durante o processo formativo, o jogador se separa do menino que deve dar lugar a um *ser* padrão Fifa, tornando difícil, a ele, a tarefa de escapar das forças que capturam seus desejos, suas potências e seus devires. São “problema” os que arriscam vivenciar o *ser-jogador* fora do padrão.

Intuindo levantar uma discussão acerca da formação clubística, serializante e despotencializadora, é que propomos pensar em um *futebol menor*⁸.

Mas como fazer isso? Como mudar o rumo que segue o processo de formação de atletas no futebol? Estas perguntas podem encontrar respostas no conceito de *literatura menor* pensado por Deleuze e Guattari na obra intitulada “Kafka: para uma literatura menor” (2003).

A *literatura menor* é aquela que representa um devir minoritário. Seus escritos vão muito além das palavras, carregam vozes daqueles que não têm. Contam as histórias daqueles que são reais, mas que não fazem parte do enredo dos grandes. Para Schollammer (2001, p. 63, *apud* Batalha, 2013, p. 117),

Menor é aquela prática que assume sua marginalidade em relação aos papéis representativos e ideológicos da língua e que aceita o exílio no interior das práticas discursivas majoritárias, formulando-se como estrangeiro na própria língua, gaguejando e deixando emergir o sotaque e o estranhamento de quem fala fora do lugar ou de quem aceita e assume o não-lugar como seu deserto, na impossibilidade de uma origem.

Se uma literatura menor é uma literatura que se propõe a reXistir⁹ frente aos padrões ideológicos sociais, no que se basearia uma *formação em futebol menor*?

Para dar início a uma transposição/tradução da ideia de literatura menor é preciso primeiro elucidar qual é o discurso majoritário que

⁸Cabe menção ao conceito de “futebol menor” pensado por Luciano Jahneka (2018), que ao propor o termo refere-se ao futebol e seus regimes de visibilidade nas seções midiáticas. No presente artigo, o conceito de futebol menor é utilizado como transposição da ideia de literatura menor no processo formativo de jovens-jogadores.

⁹Resistir não é aqui entendido como um ato de oposição ao instituído. Justifica-se, assim, a escolha do termo reXistência – cunhado por Zanella *et al* (2012). Para o *menor*, resistir não basta. É preciso existir de outro modo, é preciso reXistir.

Por uma formação em futebol menor

atravessa a formação que os jogadores de futebol de base recebem:

As pessoas precisam também entender o que é formação, nesse sentido da palavra. Às vezes o cara acha que formação é pegar um jogador e só colocar ele na posição dele. Isso não tem nada a ver. Formação é um conceito, tem muitas coisas internas. As pessoas falam de formação, mas as atitudes não são condizentes com a palavra formação, acho que tem muito que evoluir (Treinador 1).

A fala do treinador é como um resumo do que foi visto durante o tempo de pesquisa de campo: os treinadores falam de formação, os preparadores falam de formação, a coordenação fala de formação, mas a cartografia realizada em campo demonstra divergências entre a própria concepção do termo.

Em Deleuze e Guattari outra perspectiva se abre, na qual produção é devir, é criar e não reproduzir. É a partir desse entendimento que o texto segue, justificando assim a mudança do termo formação para *(trans)formação*, quando se referir a uma *formação menor pensada a*; e o termo *formação* quando nos referimos ao processo instituído pelas entidades formadoras. Talvez seja por entender a *formação* como algo positivo, como produção/criação, sem problematizar a máquina serializante que a conduz, que os centros formadores continuem (re)produzindo jogadores.

O que se percebe é que há valoração de um fazer futebol que não encontra mais espaço para efetivação em um centro formativo. Um futebol que se relaciona com um jogar mais livre, tal como acontece na rua, aparece no discurso de quem forma, como sendo uma via pela qual seria possível propor um outro modo de se pensar futebol nas categorias de base. Isto é percebido pelos educadores do Clube:

[...] (o futebol) morreu justamente por causa do negócio, da mercantilização, do querer ganhar de qualquer jeito, do querer usar artifícios que estão fora do regulamento do jogo, da parte midiática, de todas essas dimensões que estão por fora... A essência do futebol morreu, o futebol bem jogado morreu, **o espírito amador morreu**. Hoje o cara que tem espírito amador é taxado, na verdade o que diferencia o futebol de outros esportes é um pouco desse espírito amador, essa questão de garra, de luta, de aceitar jogar com uma chuteira meia-boca, de ser um esporte que não é elitizado... Se perdeu muito isso e **a partir do momento que as marcas começaram a tomar conta, a televisão começou a tomar conta, os dirigentes começaram a tomar conta e todo mundo se interessou apenas pelo**

dinheiro e pelo jogar feio, perdeu a essência, a natureza do jogador e do jogo (Treinador 1, grifo nosso).

Contudo, a prática e o território no qual as ações formativas se dão, não facilitam uma (trans)formação lúdica, seja pelo tempo, pela estrutura sistemática, pelas hierarquias que se solidificaram. O “espírito amador” do qual o treinador fala é característica do futebol-arte, do jogo lúdico, do jogo de rua, de um futebol que pouco se relaciona com o que é jogado e pensado dentro de espaços como esse, mesmo que seja lembrado de forma saudosista.

Desse modo, “morto”, como assinala o treinador, o futebol é uma das maiores indústrias em escala global com o poder de disciplinar e moldar jovens-jogadores. E o faz por meio da formação clubística, que solidifica o futebol como um dispositivo¹⁰ de captura, comercialização e subjetivação de corpos.

Como postula Rodrigues (2004, p. 263), o “[...] indivíduo é um efeito do poder, sendo criação e veículo de transmissão” desse; um centro de reprodução de jogadores (CRJ)¹¹ é um exemplo de como o saber-poder institui práticas disciplinares de controle do corpo. Se outrora, nos campinhos de barro, era o dono da bola quem tinha o controle sobre as partidas, isso atinge outro patamar nos CRJ's, nos quais os detentores do saber-poder e os disciplinadores são os professores/treinadores/coordenadores e dirigentes, donos da bola, dos campos e dos corpos.

A relação de saber e poder é correlata. Conforme se instituem nos grandes CRJ's características essenciais para (re)produzir jogadores, se dissemina em outros centros uma prática similar, de modo que para se estabelecer nos clubes formadores, o treinador precisa, por vezes, adaptar seu plano de trabalho ao projeto formativo do clube.

A esse conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar saber. Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio

¹⁰Para Deleuze (1996, s. p.), “[...] os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de brecha, de fissura, de fractura, que se entrecruzam e se misturam, acabando por dar uma nas outras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento”.

¹¹Levando em consideração o que foi escrito acima, referimo-nos na sequência desse texto aos centros formadores/centros de formação como Centros de Reprodução de Jogadores (CRJ).

Por uma formação em futebol menor

constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico [...] (FOUCAULT, 2008, p. 204).

O que se vê no Clube torna esse movimento ainda mais claro. Um dos treinadores e o preparador físico que trabalha com ele foram “rebaixados” de categoria – da sub-20 para sub-17 – por não apresentarem os resultados que o Clube desejava.

Era visível a diferença de pensar o jogo que o coordenador e o treinador tinham e isso claramente incomodava. Mesmo sendo um treinador excepcional e incomum, um treinador que se preocupa com os aspectos socioculturais de seus atletas e estuda sobre a formação de atletas, isso não foi o suficiente, ou, não foi o que *e/es* queriam. A diferença incomoda no futebol. O fato do treinador não acatar o que os dirigentes e o que o coordenador propunha acabou fazendo com que levasse um cartão vermelho. Parece que o modo que encontraram de “amenizar o incômodo” foi colocando o próprio coordenador no comando da categoria. Sinto que só há espaço para crescer dentro do Clube quando se pensa como *e/es* querem que você pense (Diário de campo de 27/02/2018).

Como o próprio treinador certa vez postulou, antes de saber dos riscos que corria por *pensar*: “As pessoas falam de formação, mas as atitudes não são condizentes com a palavra formação”. Os efeitos do saber-poder engessam uma prática que é considerada como sendo a única aceitável, demonstrando que um sistema de ensino se configura não só em decorrência de um discurso/prática, mas de agenciamento e de fixação de papéis sociais que designam o que se pode pensar e quando se pode pensar. É o dispositivo futebol, agenciado ao capital, que conecta discursos e práticas heterogêneas na constituição de formas de assujeitamento, circunscrevendo o território existencial do menino, em constituição, a uma experiência limitada a certos vetores de subjetivação, limitados e tão bem emaranhados que impedem a percepção de outros possíveis devires. Tanto treinador formador quanto atleta em formação, portanto, passam a ser expressões desse dispositivo, cerceados pela imobilidade que sustenta a formação hegemônica e serializante.

Ensinar futebol não é tarefa fácil quando feito dentro dos CRJ's; em diversos momentos diversos profissionais falaram – quando estavam em local sem a vigilância de colegas –, sobre a existência de um conjunto de pessoas que “fiscalizam” as práticas dentro do Clube, sendo chamado de “eles”. Durante a pesquisa não encontramos com “eles” em pessoa, mas “eles” encontravam-se no discurso e

Por uma formação em futebol menor

nas práticas desses próprios profissionais que se autovigiavam, cobravam-se e cobravam os jogadores por vitórias, por postura, por comportamento, claras manifestações do poder disciplinar.

Se ensinar não é tarefa fácil, como é aprender em um CRJ? Os jogadores, quando questionados sobre ter uma formação esportiva adequada, quase em uníssono respondiam de imediato que sim, que o clube dispunha de toda estrutura física necessária para uma boa (trans)formação, sempre resumindo *formação a estrutura física*. Mas GP, um dos jogadores do sub-20, entende que a formação no futebol

É como se fosse uma escola. O jogador da base ele já tem que sair pronto e tem poucos clubes que fazem isso, por isso que vários jogadores da base quando sobem acabam se perdendo, porque não têm uma estrutura familiar, de clube. A melhor forma de ser profissional é de ter um clube que te dá toda estrutura. [...] O futebol te torna um homem.

E entende que "toda estrutura" consiste em mais do que uma estrutura física, mas, ao mesmo tempo, entrega em sua fala a ideia de formação como modelação, reprodução, ao falar sobre "sair pronto", algo muito difundido dentro do Clube. Considerando que é o inacabamento, a provisoriidade e a abertura à alteridade que produz singularidade e diferença (ROLNIK, 1997), como "sair pronto" pode ser algo positivo?

Exemplos de que os clubes ainda não são compostos pelo que vai além da estrutura física estão nos relatos dos atletas MS e LL. MS fora aprovado em um teste para fazer parte da categoria de base do Sport Club Internacional, de Porto Alegre. Na época com apenas doze anos de idade, o atleta quase desistiu de jogar.

Foi muito difícil pra mim, porque eu nunca tinha ficado muito tempo fora de casa. Chegou um momento que nem pensava mais em jogar futebol, minha cabeça não tava mais focada no que tinha que fazer lá. Até pela idade, pela rotina ter mudado tanto, não tinha motivação de continuar lá. Não conseguia mais... Falei pros meus pais quando voltei de férias, que não tinha mais cabeça pra ficar lá, aí quando retornei fiquei mais um mês só e meu pai foi lá e pediu minha liberação (MS).

Apesar de alguns clubes não aceitarem jogadores com menos de 15 anos de idade nos alojamentos, são muitos os que dividem

moradia com outros atletas, sendo supervisionados por adultos que nem sempre têm relação de parentesco, como foi o caso de MS.

Com o advento do futebol-mercado alguns poucos clubes se instituíram como os *grandes* do futebol brasileiro – São Paulo F.C., Corinthians, nos dias atuais, Internacional, Grêmio etc. –, tornando esses os CRJ's mais visados. A escolinha de futebol da cidade não é mais suficiente para uma formação esportiva. É preciso ser (re)produzido pelos *grandes*, sem importar se o custo disso for permitir que uma criança de doze anos de idade viva longe de sua família. O alcance do saber-poder do futebol-mercado é tão vasto que controla até mesmo as decisões das famílias dos meninos-jogadores, para as quais com frequência não importa *o que* se ensina, mas *quem* está ensinando.

Outro fator que os centros de (re)produção de jogadores arquitetaram foi o de *formar para lucrar*. LL é jogador profissional não atuante no momento. Quando nas categorias de base, LL era a estrela do Clube: “Treinava com o profissional e só descia pra base quando era jogo. No sub-17 fui o artilheiro do catarinense, com 19 gols. [...] todo mundo me queria”. Mesmo que todos o quisessem, hoje está sem agremiação e com 22 anos de idade pensa em desistir do futebol. Ao questionar LL se mudaria alguma das escolhas profissionais que fez, ele responde: “Como fui muito novo pro profissional eu me perdi totalmente, eu saía com os caras, fazia festa e tal e isso me atrapalhou muito”. LL não sente que a formação o preparou para lidar com o que vai além do movimento do corpo dentro de campo – mas, que compõe o universo futebolístico tanto quanto os noventa minutos da partida.

Se, como disse acima o jogador GP, “o futebol te torna um homem”, qual é o homem que o futebol está (re)produzindo? Mesmo estando arranjado na contemporaneidade como um esporte científico, com corpo multiprofissional, o futebol moderno demonstra ainda estar em processo de assimilação de um projeto formativo que contemple os aspectos socioculturais relacionados ao desenvolvimento de jovens-jogadores.

Uma (trans)formação em futebol menor

Ao questionar o treinador 2 sobre a importância da produção de atletas estar atrelada de um aspecto social, a resposta foi “primeiro você tem que fazer um atleta e junto com esse atleta tem que formar um cidadão, mas ele tem que ter a capacidade de ser um atleta primeiro pra aí motivar o cidadão nele” (Treinador 2). É

Por uma formação em futebol menor

bastante comum ver essa dissociação feita por parte do corpo profissional.

A preocupação (do Clube) engloba tudo, ele enquanto atleta, ele enquanto ser humano, a gente cuida pra que eles tenham uma alimentação adequada, um alojamento em condições. Resumindo, que a gente consiga oferecer todas as condições pra que eles venham pro treino e consigam desempenhar da melhor forma possível (Profissional 1).

Podemos dar a eles segurança, uma boa educação/estudo, e formar o caráter dessas pessoas. Alguns vêm com o caráter meio desviado, a gente tenta mudar, alguns mudam pra melhor outros não. A gente faz até o que a gente consegue, quando vê que não dá mais conta, aí o clube não aceita (Profissional 2).

O atleta não é visto como sujeito/cidadão/menino. Existe um dualismo: jogador (corpo) x sujeito (mente/subjetividade) e essa divisão institui a ideia de que o clube deve (re)produzir o corpo. O “cidadão”, só se sobrar tempo. Uma boa justificativa! Já que por não compreender o *ser jogador* como um aspecto do indivíduo, os clubes podem se isentar da (trans)formação.

Essa questão de dissociar isso, de que o cidadão não é jogador, é uma pena que se pense assim, o jogador ele é um cidadão. Aí tu remete a ‘vamos formar um cidadão’, mas o cara não consegue render dentro de campo. ‘Vamos formar um jogador’ e o cara é um lixo. Por que não pode juntar os dois? Acho que esse discurso ele se contradiz. **Os clubes falam muito em formar cidadão e não formam nem jogador.** Mas acho que dá pra fazer os dois, fazer o cara interpretar as coisas, ter um elo de comunicação, um sistema sistêmico que é diferente de um sistema mecanizado ou cristalizado, isso falta bastante. Eu não consigo dissociar. O ser humano é uma coisa só, o jogador é um cidadão [...] **As pessoas desistem muito fácil das pessoas.** É um discurso que é muito banal... enrustido de algumas coisas, mente muitas coisas, não consigo dissociar os dois. [...] de que forma trabalhar o social? É só quando o jogador tem um problema? Só quando tem problema na família? Não se previne. (Treinador 1) (grifo nosso).

Mas isso não impede de fazer com que coordenadores e dirigentes usem o discurso do “clube formador de cidadãos”, mesmo que o trabalho psicossocial desenvolvido dentro do Clube aconteça com pouco espaço e reconhecimento dentro da agremiação. Constata-se que o agenciamento feito pelo corpo profissional dos

CRJ's para com seus jogadores é de que não há tempo livre na agenda do Clube e do jogador para ações psicossociais. É fato que todos os treinadores e membros do corpo profissional, em suas entrevistas, relataram a importância do trabalho psicológico e do serviço social, porém o ofício desses profissionais se restringe a lidar com situações emergenciais, ficando o cuidado ético com a formação do sujeito negligenciado, a cargo desses outros profissionais que, contudo, não têm espaço, tempo e recursos adequados para o trabalho com os atletas.

O psicólogo, por exemplo, pouco consegue ampliar suas atividades para além dos atendimentos psicoterápicos, por ter uma carga horária de apenas 10h semanais no Clube. Em relação às ocasiões em que propôs atividades grupais e intervenções psicológicas que problematizassem a condição atual dos atletas quanto à situação de adestramento social a qual são submetidos, essas atividades foram logo rejeitadas e criticadas pelos muitos dos treinadores que se percebem como “psicólogos”, como em muitos casos ouviu-se. Assim, acreditam ter conhecimento sobre o trabalho psicológico para poder opinar sobre essas ações e definir como e quando elas são necessárias.

Contudo, os CRJ's certificados pela CBF são obrigados a contratar psicólogos, assistentes sociais, nutricionistas etc., para receberem o título de *Clube Formador*, e isso explica o porquê desses profissionais estarem nos clubes: vender uma falsa ideia de (trans)formação do sujeito-jogador. Um dos requisitos da CBF trata da carga horária do profissional da psicologia, sendo o clube obrigado a contratar um psicólogo “[...] pelo menos 4 (quatro) horas semanais” (MORAES, 2015, p. 131); quando a própria instituição reguladora estipula apenas 4 horas como essenciais para que seja possível formar sujeitos-jogadores, fica manifesto que o futebol formador é um culto ao corpo e não a qualquer corpo, a um *corpo dócil* (FOUCAULT, 1987) regulamentado pela CBF, padrão FIFA!

Ao propor uma (trans)formação esportiva em um futebol menor expressamos o desejo de investir em uma produção em sentido oposto ao dualismo cidadão x jogador. Em sentido oposto à desumanização da mente/subjetividade do menino em detrimento da formação corpórea do jogador. É com o desejo que a (trans)formação esportiva produza potência por ser resultado de um bom encontro:

[...] o bom encontro é aquele que não depende de mim, num certo sentido, que eu não sou causa dele, mas que acontece de modo a aumentar minha capacidade de agir, de sentir e de pensar. Se

umentar minha capacidade de pensar, o pensamento apreende o que é, de fato, a causa real desse aumento de potência e dessa forma o pensamento sabe que a causa real é o entre, o relacional e não o eu ou o outro (FUGANTI, s. p., 2016).

Produzir bons encontros depende intrinsecamente do modo como se agencia um território existencial, nesse caso, como está agenciado o território do formador-formado, clube-jogador.

Um território existencial é composto por práticas e discursos agenciados a certos espaços, sentidos e vividos como particulares, mas, como individualidade, indissociável das forças de fora que permitem sua composição (DELEUZE & GUATTARI, 1997, vol. 4). Diz-se que um território existencial é uma duração, pois existem movimentos de ritornelo que podem alterar sua forma. O território, portanto, é um ritornelo, e o ritornelo é composto por três elementos: a *territorialização*, a *desterritorialização* e a *reterritorialização*. São esses elementos que fazem com que um território existencial sempre esteja em transcodificação, movimento no qual os códigos (códigos sociais) se fragmentam, se arranjam de outro modo.

Cada território tem seus próprios códigos, mas algumas noções sociais são comuns em quase todos os de um mesmo sistema cultural. É assim, por exemplo, no sistema regido pela CBF; configura-se como macrossistema, movimento macropolítico, instituição *maior*. Os clubes de futebol brasileiros atuam de acordo com os códigos sociais instituídos por organizações como a CBF, mas dentro de seus territórios configuram códigos próprios que regem a atuação dos membros do clube, no nível micropolítico dos encontros.

Os códigos que circulam dentro de um território se instituem, assim, por meio de repetição e de expressão e, então, se territorializam. Composto tanto pelo que há fora quanto pelo que há dentro, o território circunscreve marcas/registros destes códigos em quem o habita e em si mesmo, criando marcas territoriais, que são uma espécie de assinatura daquele território, nos corpos e nas subjetividades. Um território agencia ainda funções territorializadas por expressões territorializantes

[...] essas funções e forças territorializadas podem ganhar com isso uma autonomia que as faz cair em outros agenciamentos, compor outros agenciamentos desterritorializados. [...] A profissão, o ofício, a especialidade implicam atividades territorializadas, mas podem também decolar do território para construir em torno de si, e entre profissões, um novo agenciamento (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 118).

E é isso que convém a uma (trans)formação em futebol menor: um investimento em formas múltiplas de agenciamento do território existencial que transversaliza a produção sociocultural do jogador de futebol de base. Para que isso aconteça, para que as funções e forças que operam no território existencial nas experiências compartilhadas por atletas e profissionais desse campo gerem bons encontros, é preciso maximizar o devir que se constitui minoritariamente no Clube.

Nossa cultura preza por alguns valores que eu não gosto, preza a malandragem, preza a falta de coletividade, o ganhar de qualquer jeito, o chegar de qualquer jeito, formar um jogador de qualquer jeito, o não estudar, o não interpretar as coisas com propriedade. Na Europa o jogador no fundo ele já vem com um DNA diferente em termos de formação geral e a interpretação dele do processo e da carreira de jogador ela é já diferente precocemente. A organização estrutural das equipes são diferentes, os profissionais são diferentes, estudam, a metodologia é diferente, a paciência é diferente, os dirigentes são capacitados; então são várias ramificações que fazem a diferença ser grande (Treinador 1).

Pensamentos como esse só não são mais comuns porque o treinador, no Clube e nos clubes, é visto como um educador/docilizador do corpo, e só, o que sugere que para uma formação esportiva o ensinamento de posições, de domínio de jogo etc., é o suficiente. Se os profissionais do Clube agenciam-se nesse território considerando o que entendem que cabe em suas funções, é possibilitando e criando um espaço de potência que os devires minoritários se potencializarão. O que é, hoje, um *treinador* se não a despotencialização do devir-professor?

No entendimento de Deleuze (VARGAS, 1990), não são quantidades e números que distinguem o que é minoria do que é maioria. A maioria nem sempre é majoritária, mas sempre é composta pelo instituído. Assim sendo, agenciar um devir minoritário implica em um processo de produção de micropolíticas de singularização. As micropolíticas atuam em nível molecular, onde se maquinam os desejos; mas assim como existe o instituído no ponto molar/macro, se faz existir o instituído em um nível molecular/micro. Quando a lei preconiza que existam estratégias promovedoras de singularização referentes à formação de atletas (plano macro/molar), treinadores e profissionais as burlam dentro de seu território. O molecular acaba atuando como perpetuador de práticas homogeneizantes e

estigmatizadoras. Ambos habitam o mesmo plano, como apontam Deleuze e Guattari (1996, p. 83):

Não basta definir a burocracia por uma segmentaridade dura, com divisão entre as repartições contíguas [...] Pois há ao mesmo tempo toda uma segmentação burocrática, uma flexibilidade e uma comunicação entre repartições, uma perversão de burocracia, uma inventividade ou criatividade permanentes que se exercem inclusive contra os regulamentos administrativos.

Não há um plano ideal, não há como considerar que a boa política e o devir só hão de acontecer nos níveis moleculares, porém, a micropolítica só ganha expressão e consistência existindo na mesma superfície subjetiva do sujeito (GUATTARI; ROLNIK, 1996). Não são somente CBF, FIFA e outras instituições que perpetuam o regime do Futebol Maior, são também as microorganizações, as microações, são os discursos de treinadores, dirigentes e dos próprios jogadores que sustentam que as instituições permaneçam arranjadas como estão. É preciso, então, estar alerta a tudo o que repele a ocorrência das transformações subjetivas e dos bons encontros na formação esportiva dos jogadores de base.

Não basta ser flexível para ser melhor ou, neste caso, *menor*. Propor uma (trans)formação em futebol menor implica compreender o futebol não apenas como *um esporte*, mas *fenômeno social*, dispositivo. É assim que se produzirão outros modos de existência e de um fazer baseado na potência, em linhas de fuga.

E é preciso, ainda, entender que para que uma (trans)formação em futebol menor aconteça não só as práticas precisam ser reformuladas, bem como que não é a garantia de instalação de um corpo multiprofissional dentro dos clubes formadores que produzirá potência, enquanto se mantiver o problema ontológico da *formação*, perpetuando a ideia de um sujeito dicotômico, serializado. Uma (trans)formação é possível por intermédio da fabulação criadora. A fabulação criadora faz experimentar um novo modo de constituição de território (PIMENTEL, 2012). Tanto do território como espaço *de jogo* e *do jogo* – esse, de forças.

Se na (trans)formação o que se tem é a fabulação como trabalho do pensamento, o que se tem na *formação* é o que Deleuze denomina de “reconhecimento”. Na reconhecimento não há o ato do pensar:

A reconhecimento se define pelo exercício concordante de todas as faculdades sobre um objeto suposto como sendo o mesmo: é o mesmo objeto que pode ser visto, tocado, lembrado, imaginado, concebido [...] (DELEUZE, 2006, p. 131).

Há, então, na reconhecimento, uma reprodução.

Entendendo que para o autor o pensamento não acontece apenas dentro, ele é tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro – pois é efeito das forças territoriais –, a fabulação criadora é o permitir ser tocado pelos afetos, perceptos, deixar-se afetar, “[...] liberar a vida lá onde ela é prisioneira” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 222). Fabular é despertar o próprio pensamento, criar, deslocar o código que opera a serviço da reconhecimento.

Fabular é jogar em outro campo que não o que joga o futebol institucionalizado, que atua a serviço da máquina capitalística, da captura de corpos, dos *grandes*, é através de práticas minoritárias, dos bons encontros, do fazer cotidiano, da produção e do forçar o pensamento a pensar/fabular que se tem espaço para modificar esta lógica, para devolver a grandiosidade dos *menores*, desterritorializando o território dos Centros de Reprodução de Jogadores por meio de ações que devolvam ao treinador o *dever-professor*, que reorganizem o *ser* dos jovens-jogadores e que os façam ser *atletas*, distante da dicotomia cidadão-jogador.

Considerações finais

Talvez a incumbência de uma (trans)formação em futebol menor seja a de promover “[...] um atletismo que não é orgânico ou muscular, mas um atletismo afetivo” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 224). E, talvez, seja esse o primeiro passo para dar outro rumo a experiência do ser-jogador brasileiro: a compreensão, o entendimento, de que a formação neoliberalista clubística do *ser jogador* entregue uma experiência de formação corpórea, de formação muscular, que tende a tornar uníssona uma polifonia que quer correr pelo ato de movimentar-se, não só para driblar a bola.

Nesse processo não é apenas o *dever atleta* que se esvai, o treinador também se vê extenuado ao se desprender do *dever professor* para poder pertencer a um clube de futebol brasileiro. É então refém de um processo de treinamento/adestramento de si mesmo, para então poder treinar e adestrar outros corpos, porque é essa a função-território que lhe é demandada caso queira fazer parte do jogo.

São práticas cotidianas, linhas inflexíveis, que confinam o futebol e o jogador em um espaço que não privilegia o devir, a singularidade, a criatividade e continuará sendo essa a realidade futebolística brasileira enquanto movimentos de fabulação criadora não alcançarem expressividade nas práticas clubísticas cotidianas.

É a fabulação criadora, o *fazer o pensamento pensar*, que reside nos corpos e subjetividades como possibilidade de ser. Possibilidade de *ser*, de ser mais do que *ser jogador*, de *ser* mais do que *ser treinador*. Contudo, tal movimento só passa a incidir efetivamente sobre a constituição de um território no qual a identidade possa ser sentida como composição provisória, a medida em que um território existencial rígido é tensionado por “forças que vem de fora”.

Tais forças, mobilizadoras do devir, são aquelas que Nietzsche, Espinosa, Foucault, Deleuze e Guattari compreendem como “forças ativas” (DELEUZE, 2001). São forças que se encontram contidas, quase silenciadas, nos centros formativos. Parece existir uma espécie de acordo não-proferido entre clube, CBF, dirigentes e corpo multiprofissional, que visam extrair o máximo que podem do jogador, enquanto imagem e enquanto corpo físico. Isso se transcreve nos documentos reguladores dessas instituições, os quais aludem a importância do corpo multiprofissional e do aspecto social na formação de jogadores, porém não ganham espaço efetivo no cotidiano dos CRJ's.

Desse modo, o trabalho psicossocial, que poderia ser a linha de fuga do jogador, não tem expressividade suficiente no território clubístico para produzir diferença e emancipação do modo hegemônico de vivenciar a formação, e isso é ainda mais preocupante quando os próprios profissionais atuam de modo a compactuar com uma formação dissocializante, visto que é precisamente nessa dissociação, entre cidadão/menino x jogador, subjetividade x corpo, que se justifica um adestramento corpóreo do jogador em formação.

O que se deseja em uma (trans)formação em futebol menor é que o trabalho de formação seja não só com o que é de fora, mas também, com tudo aquilo que é de dentro, com o corpo e com a mente, com o menino e com o jogador. Trata-se, portanto, de investir em uma formação que produza uma desterritorialização da situação de espectador em que parecem se territorializar os jovens-jogadores e os que compõem esse campo. Uma experiência formativa que conduza os jovens-jogadores a serem afetados pelo movimento, pela implicação com seu próprio percurso e que privilegie o decorrer de um processo, não um resultado. Uma

Por uma formação em futebol menor

formação baseada em forças ativas, em fabulação criadora, que resista à lógica de formação mercadológica de corpos e que abra espaço para uma (trans)formação de meninos-jogadores.

Bibliografia

- BATALHA, Maria Cristina. O que é uma literatura menor? *Cerrados*. v. 22. Nº 35. 2013. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10923>. Acesso em 30 de maio de 2018.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.395 de 16 de março de 2011. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/lei/l12395.htm. Acesso em 14 de jun. 2018.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992
- DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: *O mistério de Ariana*: cinco textos e uma entrevista de Gilles Deleuze. Lisboa: Passagens, 1996. Disponível em: http://www.uc.pt/iii/ceis20/conceitos_dispositivos/programa/deleuze_dispositivo. Acesso em 14 de jun. 2018.
- DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a Filosofia. Porto: Rés, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. Rio de Janeiro: 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Kafka*, para uma literatura menor. Ed. Assírio & Alvim. 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FUGANTI, Luiz. *As dimensões da educação para potência*. Escola nômade: 2016. Disponível em: <http://escolanomade.org/2016/02/25/aula-6/>. Acesso em 20 de jun. 2018.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 2001.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica*: cartografias do desejo. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- JAHNECKA, Luciano. *Regimes de visibilidade*: a constituição de futebolistas em um futebol menor (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- MORAES, Ivan Furegato. *Formação de jogadores de futebol no Brasil*: da implementação às perspectivas futuras do Certificado de Clube Formador. Dissertação (Mestrado em Gestão Desportiva). Universidade do Porto. Porto, 2015.

Por uma formação em futebol menor

PELBART, Peter Pál. A arte de viver nas linhas. In: RENA, Alemar; RENA, Natacha (Orgs.). *Design e política*. Belo Horizonte: Fluxus, 2014, p. 157-161.

PIMENTEL, Mariana. A arte de resistir ou a re-existência da arte. In: Monteiro, R. H. e Rocha, C. (Orgs.). Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual Goiânia-G O: UFG, FAV, 2012. Disponível em: https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2012-54_a_arte_de_resistir.pdf. Acesso em 28 de jul. 2018.

RODRIGUES, Franciso Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre , n. 11, p. 260-299, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222004000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 de jun. 2018.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (Org.) *Cultura e Subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus, 1997.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

VARGAS, João H. Costa. O devir revolucionário e as criações políticas: entrevista de Gilles Deleuze a Toni Negri. *Novos estudos*, nº 28. 1990. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/59831719/O-Devir-Revolucionario-e-as-Criacoes-Politicas-GILLES-DELEUZE-A-TONI-NEGRI>. Acesso em 20 de jun. de 2018.

ZANELLA, Andréa Vieira; LEVITAN, Déborah; ALMEIDA, Gabriel Bueno de; FURTADO, Janaína Rocha. Sobre reXistências. *Revista Psicologia Política*. São Paulo, v. 12, n. 24, p. 247-262, ago. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2012000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 de jun. 2018.